



## Interações Andino-Amazônicas no Horizonte Inca

**Palavras-Chave:** Interações, Incas, Andes, Amazônia.

**Autores:**

**João Lucas Gualassi Duarte, IFCH – UNICAMP**

**Prof. Dr. Pedro Paulo Abreu Funari (orientador), IFCH – UNICAMP**

---

### INTRODUÇÃO:

Ao menos até o final da década de 1960, a tradição dos estudos relativos à América do Sul pré-colombiana em perspectiva comparada era marcada por um discurso de clivagem civilizatória que situava “civilizações e impérios” nas terras altas andinas e “sociedades tribais pouco complexas” nas demais macrorregiões. Uma série de trabalhos publicados no âmbito dessa tradição interpretativa advogava por um determinismo ambiental acrítico, motivo pelo qual sobrepuseram à fronteira ecológica entre a cordilheira dos Andes e as florestas tropicais da Bacia Amazônica uma fronteira cultural estéril, determinada por um suposto caráter inóspito da Amazônia. Postulou-se que as influências mútuas entre sociedades originárias de diferentes lados dessa fronteira ecológica seriam “extraordinariamente limitadas” (Cf. STEWARD, 1948, p. 508), pois o ambiente “desencorajaria o intercâmbio” tanto cultural quanto material (Cf. WILLEY, 1962, p. 9 *apud* LATHRAP, 1973, p. 170) e configuraria tal fronteira como “um dos melhores exemplos de impenetrabilidade cultural” (Cf. MEGGERS, 1987 [1971], p. 230).

Foi principalmente da década de 1970 em diante que tal paradigma foi superado. Por um lado, revisaram-se os estudos sobre as hegemonias estatais andinas (como Huari, Tiahuanaco e o Tahuantinsuyu incaico), de modo a desnaturalizar categorias monolíticas importadas de uma teoria política exógena ao mundo ameríndio em virtude de interpretações mais dinâmicas e de melhor base empírica, como as fundadas no controle ecológico vertical, no princípio hermenêutico da reciprocidade e na ritualística das interações (MURRA, 2004; ROSTWORWSKY, 1999 [1988]; PÄRSSINEN, 1992, como exemplos). Por outro lado, foram também ressaltadas a diversidade e complexidade das sociedades amazônicas pré-colombianas, que passaram a ser pontuadas não mais como meras receptoras unidirecionais, mas como difusoras de traços culturais como a agricultura e a cerâmica (LATHRAP, 1970, 1973; NEVES, 2006).

Tal renovação teórica permitiu vislumbrar um quadro de interações socioculturais milenares entre as diversas sociedades andinas e amazônicas, o que, por sua vez, reposicionou a “interação” como possível objeto de estudo para complexificar o entendimento acadêmico acerca do passado ameríndio em perspectiva dinâmica e relacional. Assim, a presente pesquisa, iniciada no segundo semestre de 2022 e fomentada pelo CNPQ via PIBIC-UNICAMP, se dedicou às dinâmicas de interações andino-amazônicas específicas do recorte cronológico do Horizonte Tardio (1476 d.C. – 1532 d.C.) que, conforme a periodização de John Rowe (ROWE, 1962) caracteriza-se pela notável influência do Tahuantinsuyu nos Andes Centrais e adjacências. O que se teve por objetivo foi empreender um mapeamento teórico do tema e, em seguida, investigar possíveis impactos ou acomodações que o desenvolvimento desse grande conglomerado sociopolítico ameríndio significou para as dinâmicas de interação macrorregionais.

### METODOLOGIA:

A metodologia empregada se dividiu em três etapas analíticas, acrescidas de uma etapa final para sistematização. A etapa I previa um extenso levantamento bibliográfico a fim de mapear o campo de estudo das interações andino-amazônicas e identificar trabalhos relevantes, bem como suas principais preocupações teóricas, correntes interpretativas e eventuais abordagens sobre o recorte cronológico do Horizonte Inca. O procedimento para tal identificação envolveu a redação de fichamentos críticos das bibliografias consultadas. A etapa II previa um levantamento de dados arqueológicos úteis à análise, através da sumarização e leitura de relatórios de pesquisas de campo realizadas em potenciais áreas de interação entre sociedades amazônicas e andinas. A etapa III se dedicava à análise de fontes escritas do início do período colonial com objetivo de verificar a existência (ou inexistência) de possíveis traços “proto-etnográficos” reveladores de potenciais informações sobre as dinâmicas de interação envolvendo o conglomerado incaico e sociedades amazônicas. Houve tempo hábil para o estudo de seis fontes dos séculos XVI e XVII (Cf. “Bibliografia – Fontes primárias escritas”, ao final), divididas nas categorias de relatos de expedições à bacia amazônica (1;2;3), crônicas coloniais andinas (4;5) e um compêndio técnico-descritivo (6). Por fim, durante a etapa de sistematização, os dados levantados foram analisados em conjunto para delimitar algumas propostas de interpretação relativas à natureza das dinâmicas de interação andino-amazônica durante o Horizonte Inca. A metodologia descrita esteve orientada, sobretudo, para uma tentativa de melhor especificar a relação entre agentes e espaços de interação.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO:**

É conveniente iniciar a sistematização dos resultados obtidos pelo mapeamento bibliográfico. O primeiro ponto evidente é que as grandes sínteses sobre a organização política, econômica e social do Tahuantinsuyu se abstêm da investigação mais detalhada sobre as práticas de interação envolvendo os vizinhos amazônicos. Preocupadas principalmente em distinguir as fronteiras da operatividade administrativa incaica, limitaram-se a tratar desse tema apenas em relação às obscuras tentativas de conquista militar das terras baixas, enunciadas em versões divergentes e de forma pouco conclusiva nas narrativas cronísticas do período colonial. As primeiras investigações mais detidas sobre modalidades de contato entre incas e populações selváticas aparecem em trabalhos antropológicos e etnohistóricos que, ao estudarem sociedades do extremo oeste amazônico, como as do tronco etnolinguístico Arawak, identificam trocas materiais e cerimoniais com o complexo incaico (para um exemplo pioneiro, cf. VARESE, 1968). Um trabalho de lato fôlego analítico herdeiro dessa tradição de ênfase disciplinar antropológica foi publicado no fim da década de 1980 por um trio de acadêmicos francófonos (RÉNARD-CAZEVITZ, SAIGNES & TAYLOR, 1988). Parece ser o primeiro a enunciar de forma concisa tanto uma denúncia à pouca comunicação entre trabalhos de “andeanistas” e “amazonistas” quanto um interesse objetivo em estudar experiências sócio-históricas oriundas do contato andino-amazônico através de um delimitado enfoque regional e cronológico. Porém, é apenas a partir dos anos 2000 (e em especial na última década) que o tema das interações andino amazônicas experienciará sua maior expressividade, com uma série de teses e publicações monográficas dedicadas a uma variedade de temas, como a validade da divisão Andes-Amazônia para além dos termos geográficos, a sofisticação das categorias analíticas, a materialidade das práticas de interação e os paradigmas de alteridade vigentes no contato. A coletânea *Rethinking the Andes-Amazonia Divide* (PEARCE, BERESFORD-JONES & HEGGARTY, 2020) constitui um marco para o campo e consagra-o como interdisciplinar ao reunir trabalhos de 26 autores das áreas da história, arqueologia, antropologia, linguística e genética.

A articulação promovida pela presente pesquisa entre bibliografia, dados arqueológicos e informações proto-etnográficas de fontes escritas do período colonial revelou a conveniência de abordagens regionalmente focadas e voltadas para complexos etnolinguísticos determinados. Assim, foram traçadas de forma aproximada três zonas de interação para orientar as abordagens: 1 – Zona Setentrional; 2 – Zona Central; 3 – Zona Meridional (Cf. Figura 1). Cada uma delas corresponde a um

recorte geográfico e a determinados grupos etnolinguísticos, cujas distinções foram formuladas com base na informação levantada.

A Zona Setentrional corresponde ao sistema hídrico do alto rio Amazonas e suas vias de acesso desde o piemonte andino: os rios Marañon, Huallaga e baixo Ucayali, todos acessíveis a partir da região habitada pelos Chachapoya, localidade integrada à ordem administrativa do Tahuantinsuyu a finais do Horizonte Tardio (SCHJELLERUP, 2005). Do ponto de vista arqueológico, a região do alto Amazonas é pouco conhecida. Os principais reportes relativos ao tema dessa pesquisa provém de sítios associados à cultura Chachapoya, cuja cronologia arqueológica aponta para diversas ocupações sucessivas, inclusive por culturas da floresta tropical em períodos mais remotos (WADSKJÆR, SCHJELLERUP & AUTENRIETH, 2022). A “província dos Chachapoyas” é descrita no “*Compendio y descripción de las Indias Occidentales*”,

do carmelita Vazquez de Espinosa, que documenta a navegação cotidiana dos rios pelos nativos, os trabalhos de mineração e confecção de artefatos metálicos, sobretudo de ouro, bem como o cultivo de castanhas-do-pará, nativas da Amazônia Central e não documentadas em outras partes do antigo Tahuantinsuyu (VAZQUEZ DE ESPINOSA, 1948 [ca. 1629], pp. 376-377). Partindo da região sub-andina em direção ao rio Amazonas, o primeiro grande complexo sociopolítico encontrado pelas expedições relatadas por Gaspar de Carvajal, Cristóbal de Acuña e Vazquez de Espinosa (esse último relata a expedição de Pedro de Ursua, da qual não participou) é o dos Omáguas (do tronco tupi-guarani). É documentada a grande presença, entre os locais, de adornos de ouro e vestimentas de à moda andina. É consenso entre etnohistoriadores que tais itens chegavam à Amazônia via redes de trocas. Carvajal descreve um episódio emblemático: enquanto a expedição estava hospedada entre os Omáguas, recebe a visita de um grupo de indígenas de um lugar distante, descritos fenotipicamente como “*muy blancos*” e como “*muy enjoyados de oro y ropa*” (CARVAJAL, 1894 [1542], p. 116). Outras fontes do período colonial, como Vazquez de Espinosa (p 377). e Cieza de León (apud SCHJELLERUP, 2005, p. 61), descrevem os habitantes de Chachapoyas com o exato mesmo fenótipo de pele clara. Embora as evidências sejam conjecturais, pode-se levantar a hipótese de que Carvajal tenha encontrado indígenas Chachapoya em visita aparentemente não inédita aos Omáguas, e que, dada a proximidade e facilidade de acesso por via hídrica, Chachapoyas tenha mediado, em tempos pré-hispânicos, ao menos trocas materiais com os grupos amazônicos mais próximos, que poderiam envolver artefatos metálicos, tecidos e mesmo sementes de castanha-do-pará. Tal relação seria exercida, porém, de forma autônoma, não determinada pela administração cusquenha, dado que não há evidências que sugiram a vinculação. É evidente que tal hipótese precisaria de maiores investigações para ser fortalecida ou descartada.

Já a Zona Central corresponde às áreas florestais a norte de Cusco, estendendo-se até o médio curso do rio Ucayali. Na prática, é uma área desconhecida do ponto de vista arqueológico, com exceção de algumas pesquisas de campo pioneiras desenvolvidas por Donald Lathrap entre as décadas de 1950 e 1960, voltadas para períodos muito anteriores ao Horizonte Tardio. De forma sincrônica ao Tahuantinsuyu e ao posterior período colonial, a região era habitada por grupos dos complexos etnolinguísticos Arawak (como os Matsiguenga, Ashaninka e Cashinauá) e Pano (como os Shipibo-Conibo). As populações locais foram estudadas sobretudo mediante pesquisas etnográficas. Uma interpretação interessante voltada para as dinâmicas de interação desses grupos com o complexo incaico é a de Darryl Wilkinson. Baseado na

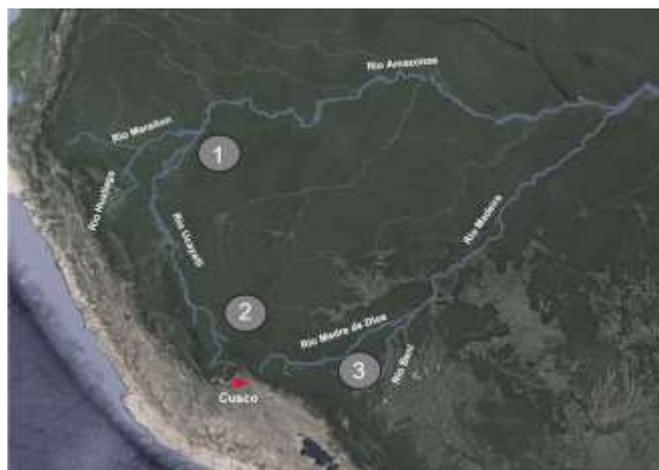


Figura 1 - Mapa esquemático aproximado das zonas de interação estudadas e principais rios em destaque: 1 - Zona Setentrional; 2 - Zona Central; 3 - Zona Meridional. Produzido com a ferramenta Google Maps e dados levantados na bibliografia e fontes.

ausência de sítios incas de marcado uso militar na área (comuns em zonas “fronteiriças” da autoridade cusquenha), bem como em dados etnográficos e cronísticos, propõe uma relação especial entre incas e arawaks sub-andinos, não militarizada e calcada na integração ritualística. Tal forma de interação não seria, na interpretação do autor, exclusiva do Tahuantinsuyu, pois poderia ser uma das muitas formas de estruturação social herdadas do período Huari. Também credita à conformação espacial do complexo etnolinguístico Arawak e a sua especial relação com os andinos a exploração sistemática e importação massiva de plumas de aves tropicais para as terras altas, produto constituinte de uma cultura material do poder associada à legitimação das hegemonias estatais andinas (WILKINSON, 2018; 2022). Ainda não é claro se, provando-se verdadeira a hipótese de Wilkinson, as plumas de aves tropicais eram um recurso explorado por mão-de-obra controlada pelos incas (*mitmaquna*, por exemplo) ou eram obtidas apenas em trocas sistemáticas com grupos do complexo Arawak.

Por fim, consideremos propostas de interpretação para a Zona Meridional. Trata-se da área a leste de Cusco, caracterizada pelo sistema hídrico do rio Madre de Dios até sua confluência com o rio Beni e que, após a junção com o Mamoré, formará o Madeira. Os “*Comentarios Reales de los Incas*”, de Garcilaso de la Vega, são uma das fontes cronísticas que mencionam um avanço militar incaico por navegação ao longo do rio Madre de Dios à época de Tupac Inca Yupanqui. A fonte sugere que uma expedição incaica teria encontrado diversos grupos locais (nomeados de forma genérica), alguns dos quais teriam sido submetidos militarmente e outros, mais distantes, cooptados por políticas de alianças. Garcilaso comenta que os expedicionários incas se assentaram junto aos povos cooptados, e ali edificaram fortalezas. Outra fonte a tratar da região é o relato da expedição de Juan Álvarez Maldonado ao Rio Madre de Dios (ÁLVAREZ MALDONADO, 1899 [1569]), cuja descrição das populações amazônicas encontradas permite situá-las no complexo etnolinguístico Takano. O relato também menciona, baseado em testemunhos locais, expedições militares incas à região, bem como a edificação de fortalezas. O texto também permite interpretar que os grupos araanas e toromonas (do complexo Takano) são mencionados como *mitmakuna*, o que sugere um possível vínculo laboral desses grupos com a administração incaica. Do ponto de vista arqueológico, a Zona Meridional é melhor conhecida que as duas outras graças ao projeto arqueológico finlandês-boliviano na Amazônia Boliviana, que realizou trabalhos de campo entre 2001 e 2003. Uma das investigações mais promissoras realizadas no âmbito do projeto foi a de um complexo arquitetônico em pedra, de aparente função militar, localizado na confluência entre os rios Beni e Madre de Dios, batizado de Fortaleza de Las Piedras (SIRIÄINEN & KORPISAARI, 2002; 2003). Na prospecção, foram encontrados fragmentos de cerâmica inca (cuja datação relativa converge com as expedições incaicas descritas nas fontes coloniais) em meio a uma grande quantidade de fragmentos em estilo amazônico local. Os pesquisadores interpretam que o sítio marcaria um assentamento inca em meio a um povoado amazônico. Porém, os dados encontrados são pouco conclusivos, pois não esclarecem informações mais específicas sobre as circunstâncias de edificação do complexo de Las Piedras nem sobre a natureza da relação estabelecida entre os habitantes locais e os expedicionários incas, ou a intensidade de sua vinculação ao Tahuantinsuyu. A comparação entre dados arqueológicos e cronísticos, no entanto, nos permite propor que a edificação e manutenção de sítios incaicos distantes de Cusco, como Las Piedras, poderiam estar associadas à operatividade de um sistema de *mitmaquna* na Zona Meridional, que contaria com a participação de populações locais integrantes do complexo etnolinguístico Takano.

## CONCLUSÕES:

As investigações empreendidas no âmbito da pesquisa evidenciam que a perspectiva interacional pode contribuir de forma significativa para o surgimento de novas preocupações científicas nos estudos sobre América do Sul pré-colombiana. O campo das interações andino-amazônicas no recorte cronológico do Horizonte Inca é ainda incipiente, mas promissor. Seu futuro depende de pesquisas necessariamente interdisciplinares, que considerem variadas categorias de fontes sobre o passado ameríndio. A articulação

entre dados arqueológicos e de fontes escritas, tal como a empreendida na presente pesquisa, se mostra útil para a elaboração e posterior testagem de hipóteses interpretativas sobre a natureza das relações entre incas e os variados complexos etnolinguísticos a oriente, tais como Takano, Arawak e Pano. A interpretação baseada em “zonas de interação” elaboradas com base empírica se mostrou frutífera para salientar modalidades distintas de interação, que apontam para uma diversidade de experiências sócio-históricas advindas do contato. No limite, a temática de pesquisa e o procedimento empregado contribuem para enunciar a historicidade indígena, tradicionalmente apagada pela violência do processo colonial.

## BIBLIOGRAFIA

### Fontes primárias escritas:

- [1] ACUÑA, Cristóbal de. **Nuevo Descubrimiento del Gran Rio de las Amazonas**. Madrid: Iberoamericana, 2009 [1641].
- [2] ÁLVAREZ MALDONADO, Juan. **Relación de la Jornada y Descubrimiento del Río Manu**. Publicada por Luís Ulloa, Sevilha, 1899 [1569].
- [3] CARVAJAL, Gaspar de. **Relación del nuevo descubrimiento del famoso río Grande que descubrió por muy gran ventura el capitán Francisco de Orellana**. Publicado por José Toribio Medina. Sevilha, 1894 [1542].
- [4] GARCILASO DE LA VEGA, Inca. **Primera Parte de los Comentarios Reales de los Incas**. *Editio princeps*, Lisboa, 1609. Disponível em: <https://archive.org/details/primerapartedelo00vega/page/n385/mode/2up>. Acesso em: mai./jun. de 2023.
- [5] GUAMAN POMA DE AYALA, Felipe. **El Primer Nueva Corónica y Buen Gobierno**. (1613-1615). Copenhagen: Det Kongelige Bibliotek, acesso remoto via “The Guaman Poma Website”. Disponível em: <https://poma.kb.dk/permalink/2006/poma/info/en/frontpage.htm>. Acesso em: jun./jul. de 2023.
- [6] VAZQUEZ DE ESPINOSA, Antonio. **Compêndio y descripción de las índias Occidentales**. Transcrito do manuscrito original por Charles Upson Clark. Washington: Smithsonian Institution, 1948 [ca. 1629].

### Referências bibliográficas:

- [7] BERTAZONI, Cristiana. **Antisuyu: An Investigation of Inca Attitudes to their Western Amazonian Territories**. Tese de Doutorado, Department of Art History and Theory, University of Essex, 2007.
- [8] BERTAZONI, Cristiana. Andes e Amazônia: história e arqueologia Inca no baixo Rio Madre de Dios. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, Vol. 19. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2009, pp. 273-283.
- [9] LATHRAP, Donald. **The Upper Amazon**. Londres: Thames & Hudson, 1970.
- [10] LATHRAP, Donald. The Antiquity and Importance of Long-Distance Trade Relationships in the Moist Tropics of Pre-Columbian South America. **World Archaeology**, Vol. 5, n. 5, oct. 1973, pp. 170-186.
- [11] MEGGERS, Betty. **Amazônia: a ilusão de um paraíso**. Trad.: Maria Yedda Linhares. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1987 [1971].
- [12] MURRA, John. As sociedades andinas anteriores a 1532. In: BETHELL, Leslie. **História da América Latina**. Vol. 1. São Paulo: Edusp; Brasília: FUNAG, 2004, pp. 63-99.
- [13] NEVES, Eduardo Góes. **Arqueologia na Amazônia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- [14] PÄRSSINEN, Martti. **Tawantinsuyu: The Inca State and Its Political Organization**. *Studia Historica* No. 43. Helsinki: Societas Historica Fennica, 1992.
- [15] PEARCE, Adrian; BERESFORD-JONES, David; & HEGGARTY, Paul (eds.). **Rethinking the Andes-Amazonia Divide: A Cross-Disciplinary Exploration**. Londres: University College London Press, 2020.
- [16] RÉNARD-CAZEVITZ, France-Marie; SAIGNES, Thierry; TAYLOR, Anne-Christine. **Al este de los Andes: relaciones entre las sociedades amazónicas y andinas entre los siglos XV y XVII**. Quito: Abya-Yala, 1988.
- [17] ROSTWOROWSKI, María. **Historia del Tahuantinsuyo**. Lima: IEP, 1999 [1988].
- [18] ROWE, John Howland. Stages and Periods in Archaeological Interpretation. In: **Southwestern Journal of Anthropology**, Vol. 18, n. 1. Chicago: University of Chicago Press, 1962, pp. 40-54.
- [19] SCHJELLERUP, Inge. **Incas y españoles en la conquista de los chachapoya**. Lima: Instituto Francés de Estudios Andinos, 2005.
- [20] SIIRIÄINEN, Ari; KÖRPIAARI, Antti (eds.). **Reports of the Finnish-Bolivian archaeological project in the Bolivian Amazon I & II**. Helsinki: Department of Archaeology, University of Helsinki/ Unidad Nacional de Arqueología de Bolivia, 2002; 2003.
- [21] STEWARD, Julian (ed.). **Handbook of South American Indians**, Vol. 2 & 3. Washington: Government Printing Office, 1946; 1948.
- [22] VARESE, Stefano. **La Sal de los Cerros: notas etnográficas e históricas sobre los Campa de la selva del Perú**. Lima: Universidad Peruana de Ciencias y Tecnología, 1968.
- [23] WADSKJÆR, Andreas; SCHJELLERUP, Inge; AUTENRIETH, Sabrina. Posic C: A Sacred Complex in Ancient Posic, Northern Peru. **Lund Archaeological Review**. Lund: Lund University, 2022, p. 93-105.
- [24] WILKINSON, Darryl. The influence of Amazonia on state formation in the ancient Andes. **Antiquity: A review of world archaeology**, v. 92, n. 365, 2018, pp. 1362-1376.
- [25] WILKINSON, Darryl. Incas and Arawaks: a special relationship along the Andes-Amazonian Frontier. **Andean Past**, Vol. 13, n. 13, 2022, pp. 265-293.